

Para concluir, de volta aos começos

Pode parecer estranho terminar pelo começo. Mas, em verdade, trata-se de retomar o contexto e a estratégia de pensamento constitutivos do texto e, nisso, seus limites e alcances como um livro de Psicologia do Desenvolvimento.

Dissemos no capítulo de APRESENTAÇÃO que ele nasce do conjunto das aulas nessa disciplina de mesmo nome, ministradas por mim, há algumas dezenas de anos, no IPUSP. Trata-se de Psicologia do Desenvolvimento II e versa, por uma decisão curricular, sobre o desenvolvimento afetivo, por um autor que pudesse dar conta das questões fundamentais do conhecimento. Normalmente, em disciplinas como essa, costumam-se apresentar, por meio de autores diversos, fases, na aquisição e na evolução de habilidades e comportamentos característicos, da criança ao adulto, numa espécie de manual. Este modo de proceder ao ensino da matéria parece resolver um problema, o de verificação de comportamentos esperados e alcançados em cada faixa etária e para diferentes aspectos do desenvolvimento. Talvez, esses roteiros de expectativas, à confirmação de observações e avaliações, possam tranquilizar a demanda por pontos de partida e nortes, nos nossos trabalhos com Psicologia. Mas a escolha programática, que nosso Currículo propõe, é a de traçar sobre dois aspectos fundamentais, cognição e afeto, a compreensão centrada na abrangência de processos que os caracterizam, e como podem ser estudados.

Freud é o autor destacado para a disciplina em seu segundo semestre de ministração, pelo que contribui nesta área, não por postular fases do desenvolvimento, mas por postular a hipótese de um inconsciente determinante de todo o psiquismo, incluindo-se, aí, a afetividade.

Essa escolha, no entanto, exige-nos um trabalho epistemológico, de perguntar à própria psicanálise freudiana, sobre todos os recortes a que devem ser submetidas suas teorias e a trama geral de seus conceitos, uma vez que tratá-la como uma psicologia do desenvolvimento equivaleria a reduzir seu objeto do conhecimento a um aspecto que está muito longe de dizer de seu alcance e de sua extensão. Seria uma redução mais que indevida. Daí que resgatamos nela (a psicanálise freudiana) o que permitiria falar de desenvolvimento afetivo e como, ao tratar especificamente desse tema, encontramos o desenho de uma psicologia na psicanálise; não mais aquela do comportamento e das faculdades mentais (como se desenha na filosofia), e sim, aquela que supõe o inconsciente (freudiano), a sexualidade, pulsões, suas finalidades, escolha de objeto amoroso, identificações, para tratar dos matizes dos afetos na história de alguém, do nascimento vida a fora.

No campo de tais teorias é viável fazermos um perfil da psicologia do desenvolvimento que descreve uma criança em fases e em conflitos amorosos e afetivos, na maioria das vezes, motivados pela organização de um inconsciente, nos limites possíveis da consciência.

O mais importante é que se tenha em mente que não existe uma psicologia do desenvolvimento pronta na psicanálise de Freud. Temos que construí-la a partir de uma estratégia de pensamento que nos permita traçar nos escritos do autor, um caminho por meio de alguns textos que configurem tanto uma psicologia da afetividade quanto do desenvolvimento afetivo. E foi este o trabalho que tivemos para escrever o presente livro.

Tratamos, assim, os termos da metapsicologia freudiana, sua teoria explicativa do psiquismo e de seu modo de funcionamento. Com destaques particulares desses fundamentos básicos, traçamos o percurso das relações primordiais com a mãe e das provocações que presença do pai faz a elas, para apresentar o modo como se dá o desenvolvimento psicosexual, nesse

pensamento que inaugura, em tempos modernos, a discussão da sexualidade como marca constitutiva do psicológico, desde o nascimento.

Pode-se dizer que este foi o “roteiro” deste livro. Melhor: esta é a perspectiva que o justifica.

Um aspecto nela se destaca, ainda: a última Parte traz um autor outro, Spitz, que, partindo das proposições freudianas, acrescenta à psicanálise um estudo empírico, e em tempo real, da formação de vínculos afetivos no primeiro ano de vida. Percepção, ego e relação objetal são apresentados como os fatores que se desenvolvem em necessária articulação, para que uma comunicação expressiva, fundada no afeto materno e nas manifestações interoceptivas e proprioceptivas do bebê, legados da espécie, façam da relação com a mãe, a ponte para o mundo. Como Spitz estuda as possíveis perturbações ocasionadas pela presença tóxica e/ou pela ausência, temporária ou definitiva, da mãe nesse início da vida, terminamos o corpo do livro com uma afirmação um tanto dissonante: *Tanatos vence Eros*. Isto nos casos de carência afetiva total do bebê.

Em que pese a dureza dessas palavras finais, tudo o que se buscou afirmar no presente livro versa sobre a importância do vínculo afetivo, a importância da ligação da criança com o mundo que a cerca. Então, para que possamos voltar à intenção primeira de Freud e de Spitz que, com certeza, gira em torno das possibilidades de vida nas tratativas e nos encontros e desencontros amorosos que ela nos exige, terminamos, nós também, com a máxima que melhor falaria dessa intenção: *e Eros vence Tanatos...*

Psicologia, desenvolvimento e afeto.

